

EM ALTO-MAR: O REGISTRO DA EMIGRAÇÃO ITALIANA NA PERSPECTIVA DE EDMONDO DE AMICIS

EM ALTO-MAR: THE RECORD OF ITALIAN EMIGRATION FROM THE PERSPECTIVE OF EDMONDO DE AMICIS

Shirley de Souza Gomes Carreira*

RESUMO: O objetivo do texto é expor como o romance *Em alto-mar*, de Edmondo de Amicis, aborda a temática da emigração. Resultante das anotações feitas pelo autor durante uma viagem de Gênova a Montevidéu e construído como um diário de bordo, ele rompe a convenção da literatura de viagem, que focaliza a estada do narrador em outro país e abrange a observação dos costumes e paisagens locais. De Amicis opta por fazer um retrato das múltiplas personagens que encontra no navio, que pode ser compreendido como uma metáfora da recém-unificada Itália, refletindo sobre as causas do êxodo italiano após o *Risorgimento*.

Palavras-chave: Emigração. *Risorgimento*. De Amicis.

ABSTRACT: The objective of the text is to expose how the novel *Em alto-mar*, by Edmondo de Amicis, addresses the theme of emigration. Resulting from notes made by the author during a trip from Genoa to Montevideo and constructed as a logbook, it breaks the convention of travel literature, which focuses on the narrator's stay in another country and encompasses the observation of local customs and landscapes. De Amicis chooses to paint a portrait of the multiple characters he encounters on the ship, which can be understood as a metaphor for the newly unified Italy, reflecting on the causes of the Italian exodus after the *Risorgimento* (2).

Keywords: Emigration. *Risorgimento*. De Amicis.

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Procientista UERJ/FAPERJ e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>. E-mail: shirleysgcarr@gmail.com.

O marco oficial da imigração italiana para o Brasil ocorreu em 21 de fevereiro de 1874, quando o navio “La Sofia” atracou no porto de Vitória com cerca de 400 imigrantes a bordo. Entretanto, é por meio do olhar do jornalista e escritor Edmondo De Amicis (1846-1908) que partiu de Gênova em 10 de março de 1884, a bordo do navio “Nord-America” – identificado como “Galileo” na obra –, que é construída a narrativa daquele que vem a ser considerado o primeiro romance da emigração italiana: *Em alto mar: Uma travessia de emigrantes italianos*. *Sull’Oceano* foi publicada pela primeira vez em 1889 pelo editor Treves, de Milão, e é a primeira a registrar a viagem transoceânica dos emigrantes.

Após um processo conhecido como *Risorgimento*, a Itália foi unificada em 1861 (Montanelli, 1972). Contraditoriamente, a unificação foi seguida de um êxodo massivo de cidadãos. É nesse contexto que o livro de Amicis se situa.

Amicis se dirigia a Montevidéu a convite do editor do *El Nacional*, do qual era assíduo colaborador. Conforme Adriana Marcolini, tradutora da obra, sinaliza em seu prefácio à edição de 2017 pela editora Nova Alexandria, durante 22 dias, 1670 passageiros distribuídos assimetricamente pelas três classes, conviveram a bordo, reproduzindo “a estrutura social italiana do final do século XIX: a burguesia proprietária na primeira classe, o estrato médio (artesãos, pequenos comerciantes, trabalhadores qualificados) na segunda e o campesinato na terceira” (De Amicis, 2017, posição 106 de 5121)¹.

O espaço de convívio no navio é o cenário onde as tensões derivadas do expatriamento, as aspirações dos emigrantes e os contratempos de viagem se desenrolam. Por meio da narrativa de De Amicis, não apenas acompanhamos os conflitos experimentados pelos emigrantes, mas também podemos observar a complexidade das interações sociais.

¹ A edição utilizada no artigo é uma versão para o Kindle. Não haverá, portanto, indicativo de páginas, mas de posições.

A obra é composta por 19 capítulos, porém, a edição de 2017 traz uma surpresa para o leitor: o acréscimo de dois textos do jornalista: os artigos “O Sonho do Rio de Janeiro”, publicado originalmente em 1902 no suplemento *La Lettura*, do *Corriere della Sera*, e “Na baía do Rio de Janeiro”, incluído no volume póstumo *Memorie*, de 1921. Ambos registram as observações do autor durante uma escala de 3 dias na cidade do Rio de Janeiro, no percurso da viagem de volta para a Itália.

Em *Reflexões sobre o exílio*, Edward Said (2003, p. 46) se reporta ao abandono da terra natal como uma “fratura incurável” cujo resultado é uma “tristeza essencial [que] jamais pode ser superada”. Essa sensação acompanha os emigrantes desde o momento de sua partida. *Em alto mar* retrata o momento do embarque, e os emigrantes, que faziam fila para entrar no navio, são assim descritos por De Amicis:

[...] o embarque dos emigrantes tinha começado havia uma hora e o Galileo, ligado ao cais por uma pequena ponte móvel, continuava a ser carregado de miséria: uma procissão interminável de gente que saía em grupos do edifício em frente, onde um agente da Delegacia examinava os passaportes. A maioria estava cansada e com muito sono, depois de ter passado uma ou duas noites ao ar livre, agachada como cães pelas ruas de Gênova. Passavam operários, camponeses, mulheres amamentando bebês, menininhos que ainda levavam no peito a plaquinha de identificação do jardim de infância, feita de latinha; quase todos carregavam uma cadeirinha dobrável debaixo do braço, traziam na mão ou na cabeça bolsas ou malas de todo tipo, braçadas de colchões e cobertores, e o bilhete de passagem com o número da cama preso entre os lábios. Mulheres pobres com uma criança em cada mão carregavam seus volumosos pacotes com os dentes; velhas camponesas de tamancos levantavam a saia para não tropeçar nos dormentes da ponte, mostrando as pernas nuas e magérrimas; muitas estavam descalças e carregavam os sapatos pendurados no pescoço (De Amicis, 2017, posição 212 de 5121).

A descrição se reporta, evidentemente, aos passageiros da terceira classe, um enorme contingente de pessoas que carregavam dentro de si, simultaneamente, a nostalgia antecipada da terra natal e a esperança de dias melhores. De Amicis também relata a presença de passageiros de outras classes:

De vez em quando, em meio àquela miséria passavam senhores vestidos com elegantes jalecos, padres, senhoras com grandes

chapéus emplumados, segurando na mão um cachorrinho ou uma chapeleira, ou um pacote de romances franceses ilustrados, da antiga edição Levy (De Amicis, 2017, posição 212 de 5121).

O autor registra momentos drásticos do embarque, como a separação das famílias – os homens iam para um lado; as mulheres e crianças eram levadas para outro, onde ficavam seus dormitórios – e a dor de uma passageira cuja filha tinha morrido de repente. O cadáver fora deixado na agência de Segurança Pública do porto para ser trasladado para o hospital.

De Amicis não se furta a expor sua intenção de fazer da viagem um campo de observação do perfil dos emigrantes, que, em sua maioria, vinha do norte da Itália, enquanto oito em cada dez eram da zona rural:

Em virtude da aglomeração à qual eram obrigados a viver, das grandes diferenças de índole e de costumes que existiam entre eles, e do estado singular de ânimo em que se encontravam, no curso de poucos dias aquela multidão de emigrantes dava lugar a uma multiplicidade e variedade de casos psicológicos e de acontecimentos que, em terra firme, só costumam ocorrer depois de um ano, com uma população quatro vezes maior. Naqueles primeiros dias de viagem ainda não era possível ter uma ideia. Era preciso esperar que eles tivessem se acomodado e se sentido à vontade, que tivessem brotado as relações, as simpatias, os ciúmes, os contrastes, e que a temperatura tivesse subido (De Amicis, 2017, posição 454 de 5121).

112

Os passageiros eram provenientes de diversas regiões da Itália, sempre ressaltadas na obra, e tinham diferentes profissões, mas também são identificados aqueles que, sem ter profissão definida, “aspiram a empregos indeterminados, que vão à caça de fortuna com os olhos vendados e as mãos abanando, e são a parte mais nociva e menos feliz da emigração” (De Amicis, 2017, posição 473 de 5121).

A narrativa reflete, indubitavelmente, as crenças e os modos de interação social da época em que a obra foi escrita. Assim, não causa estranheza o olhar preconceituoso do autor ao se reportar aos objetivos das mulheres lígures desacompanhadas que se encontram no navio: “iam buscar serviço como cozinheiras ou copeiras; outras iam procurar marido, atraídas pela concorrência mais baixa que teriam de enfrentar no novo mundo, e algumas

emigravam com um objetivo mais generoso e fácil” (De Amicis, 2017, posição 471 de 5121).

A ideia do navio como metáfora da estrutura social italiana do fim do século XIX surge a bordo, a partir da observação do Comissário:

[..] não era apenas um grande povoado, como me fazia observar o Comissário, mas um pequeno Estado. Na terceira classe estava o povo, a burguesia na segunda, a aristocracia na primeira; o comandante e os oficiais superiores representavam o Governo; o Comissário, a magistratura; a função da imprensa estava representada pelo registro das reclamações e cumprimentos abertos na sala de jantar; além dos próprios passageiros que, às vezes, sem saber o que fazer para acabar com o tédio fundavam um jornal quotidiano (De Amicis, 2017, posição 482 de 5121).

Os fatores que impulsionam a emigração têm sido basicamente os mesmos ao longo dos séculos, mas é digna de nota a observação do autor a respeito, visto que, sem deixar de lançar um olhar crítico aos emigrantes, reconhece que muitos deixavam a pátria para escapar da fome:

[...] em meio àquele grande número de pessoas, havia muitas que poderiam viver honestamente na mãe pátria, e que emigravam apenas para sair da mediocridade com a qual, não sem uma boa dose de razão, estavam descontentes; e também muitas outras que, tendo deixado em casa débitos fraudulentos e a reputação perdida, não iam para a América para trabalhar, mas para ver se havia um clima melhor que na Itália para o ócio e a patifaria. **Mas a maioria, era preciso reconhecer, era de pessoas obrigadas a emigrar por causa da fome**, depois de se debater inutilmente, anos a fio, nas garras da miséria (De Amicis, 2017, posição 644 de 5121. Grifo nosso).

Observando aquela grande massa humana, o autor, que foi um apoiador do *Risorgimento* (Gigli, 1962), reflete sobre as razões da miséria que assola os emigrantes, atribuindo-a ao empobrecimento progressivo da terra, à agricultura negligenciada por causa da revolução e aos impostos mais onerosos por questões políticas. Percebe-se que ele se mostra favorável à emigração por julgar ser a única opção para os camponeses que ficaram marginalizados com a unificação. Ao longo da viagem, tornam-se evidentes os ressentimentos e a raiva dos emigrantes com relação às elites que lideraram o processo que culminou na unificação territorial e política da Itália.

Considerada a primeira derrota do jovem estado unitário (Lombardi, 2002), a emigração em massa foi dissimulada até a década de 1970 e só a partir daí passou a ser, de fato, objeto da literatura italiana. Nisso reside a importância de *Em alto mar*, que também esteve por muito tempo relegado ao esquecimento.

Um aspecto relevante sobre esse ocultamento do fluxo emigratório é sinalizado por Marcolini (2017), ao pautar-se nas reflexões de Abdelmalek Sayad (1998) sobre a diferença entre os termos emigração e imigração, enfatizando que o primeiro se reporta à ausência da terra natal e o segundo à presença no país de acolhimento. Assim, à medida que a ausência é solapada, há uma predominância dos registros da presença, o que explicaria a expressiva existência da literatura sobre a imigração italiana e a escassez no que diz respeito à emigração.

Dentre os muitos registros que De Amicis faz, estão as fragilidades das acomodações durante as viagens marítimas, principalmente no que diz respeito aos passageiros da terceira classe:

Ainda faltam muitas coisas nesses lindos navios que no dia da partida são vistos reluzindo como palácios de príncipes! Na maioria dos casos, os marinheiros e os foguistas estão alojados como cães; a enfermaria é uma alcova; os locais que deveriam ser os mais limpos fazem horror e para mil e quinhentos passageiros da terceira classe não existe um banheiro! E digam o que querem os agentes sanitários que estabeleceram o número necessário de metros cúbicos de ar: a carne humana está amontoadá demais, e o fato de que antes era pior não é uma desculpa: hoje ainda é algo que dá pena e provoca indignação (De Amicis, 2017, posição 2176 de 5121).

A reflexão do autor sobre as condições dos emigrantes que fazem o trajeto em outros navios dá uma ideia das adversidades por eles enfrentadas. Muitos adoeciam e morriam a bordo, outros tantos eram levados para destinos diversos dos que pretendiam, como mostra a passagem a seguir:

E ainda se podiam dizer felizardos, pelo menos quanto à viagem, aqueles emigrantes do Galileo, em comparação a tantos outros que, nos anos anteriores, por falta de lugares na estiva, haviam sido alojados como gado na coberta, onde tinham vivido ensopados de água durante semanas e sofrido um frio de matar, e os

muitíssimos outros que tinham corrido o risco de morrer de fome e de sede em navios onde faltava de tudo, ou de morrer envenenados com a merluza estragada ou a água contaminada. E tinham morrido. Pensava ainda nos muitos outros que, embarcados para a América por agências abjetas, foram traídos e desembarcados em um porto europeu, onde precisaram pedir esmola nas ruas [...] ou naqueles que acreditando serem levados para a região do rio da Prata, onde os esperavam os parentes e o clima de seu país, foram jogados na costa do Brasil, onde o clima tórrido e a febre amarela os tinham dizimado (De Amicis, 2017, posição 1148 de 5121).

Um dado importante mencionado pela tradutora em sua introdução à obra é o fato de que o sucesso do romance junto às elites da época influenciou o movimento que conduziu à lei da emigração, aprovada em 1901, que, entre outras normas, instituiu comissões de inspeção nos portos para verificar se os navios respeitavam as regras sanitárias. Até então, os armadores se aproveitavam da ausência de normas para utilizar frotas já obsoletas e obter lucros vantajosos com o transporte de emigrantes, que contribuíram para a consolidação de setores emergentes do capitalismo italiano.

A curiosidade de De Amicis o levou a buscar um contato mais próximo com os emigrantes, o que lhe permitiu conhecer melhor suas histórias pessoais e seus ressentimentos em relação à terra natal:

A maioria das conversas tinha a forma de relatos: relatos de miséria, de falcatruas, de injustiças. Em um grupo em que parecia dominar um tom de amarga alegria, riam-se da raiva que teria devorado os patrões quando eles se vissem sem braços para a lavoura, obrigados a dobrar os salários ou a dar as suas terras por um pedaço de pão. - Quando todos nós tivermos ido embora - dizia um - eles também morrerão de fome [...] Mas aqueles que diziam as frases mais ousadas falavam mais baixo, e só depois de dar uma olhada em torno, porque muitos, como depois vim a saber, temiam que houvesse a bordo um serviço secreto da polícia, pago pelo Governo (De Amicis, 2017, posição 1008 de 5121).

Alguns aspectos do livro são minimamente curiosos, como a existência de um velho marinheiro corcunda a quem fora designada a tarefa de vigiar os dormitórios das mulheres, o “que exigia dele não apenas a cautela própria da idade madura, mas também a absoluta ausência de dotes estéticos que pudessem mexer com um coração feminino” (De Amicis, 2017, posição 729

de 5121). Essa vigilância se coaduna, de certo modo, com o olhar preconceituoso do autor em relação às mulheres desacompanhadas.

Como um microcosmo da sociedade que acabavam de deixar, o navio tornara-se palco das interações sociais. É em um viés cômico que o autor narra as dificuldades do encarregado do dormitório feminino para manter a ordem e a integridade das mulheres sob a sua responsabilidade:

Desde a partida haviam transcorrido nove dias de vida monástica ao ar livre: os sentimentos matrimoniais haviam acendido um pouco, e além dos legítimos, tinham se formado novos casais em que aquele modo de vida produzia o mesmo efeito que nos outros. Mas o corcundinha grisalho tinha de dividir a todos igualmente, sem levar em consideração nenhum direito legal, e todas as noites às dez horas, pontual e inexorável como o velho Silva, aparecia com a lanterna na mão e começava a circular por todos os cantos, dissolvendo abraços e interrompendo conversas de amor, e dizendo, a cada cinco passos: - Para a cama! Para a cama, mulheres! Para a cama, moças! Era uma cena das mais cômicas (De Amicis, 2017, posição 1335 de 5121).

Em suas conversas com De Amicis, o Comissário deixa escapar a sua preocupação a cada viagem, quando, apenas pela observação das passageiras, já imagina quais serão as que lhe darão mais trabalho. Acostumado às contendidas que se multiplicam na medida em que a viagem se prolonga, aos ciúmes das casadas em relação às desacompanhadas e aos pequenos furtos dentro das cabines, ele cumpre a sua rotina de vistoriar os dormitórios apinhados de gente:

Eram cerca de quatrocentas pessoas, entre mulheres, crianças e bebês, alguns ainda em fase de amamentação, e trinta e dois graus de calor [...] Ao descer ali à noite, via-se despencar dos leitos cabeleiras grisalhas, tranças loiras, cueiros de lactantes, canelas senis horríveis e formosas pernas de moças, e um monte de trapos, entre xales, vestidos e anáguas de todas as cores naturais e bugigangas imagináveis e possíveis, como bandeiras do infinito exército da miséria, e no piso uma pilha confusa de botinhas, tamancos, chinelos, cordões de sapato, de sapatinhos e de meias, que assustavam ao pensar que eram uma fonte de contendidas e bate-bocas preparada para o dia seguinte, na hora de levantar (De Amicis, 2017, posição 2194 de 5121).

As reclamações das mulheres casadas não eram de todo sem fundamento, pois, de fato, havia quem burlasse a vigilância do velho marinheiro, aproveitando-se dos momentos em que adormecia, como as duas coristas que “rindo com todos,

esfregando-se em todos, apalpadas em todas as partes, pareciam se divertir particularmente em desencaminhar os bons maridos” (De Amicis, 2017 posição 2938 de 5121).

Não escapa ao escrutínio do leitor a postura racista de De Amicis ao mencionar a negra, escrava de um casal brasileiro, que desperta a libido dos homens casados e enfurece as esposas:

Mas elas detestavam principalmente aquele grande macaco que era a negra dos brasileiros, que só aparecia na hora das refeições e à noite, mas que acendera um verdadeiro vulcão de paixões: parecia impossível, diziam, com aquele narigão achatado e aquele fedor de bode, e todos atrás e em volta, como cães no cio, a sentir o cheiro daquela imundície, e ela se esbaldava. Foi por ela que, por um triz, dois maridos não começaram a se esbofetear, e a esposa de um deles aprontou um escândalo que se escutava até do motor; já a esposa do outro lhe deu um tapa sonoro que ele retribuiu prontamente, prometendo acertar as contas na América (De Amicis, 2017, posição 2895 de 5121).

O convívio em um espaço de confinamento como o navio enseja comportamentos que seriam condenados em outras circunstâncias. A proximidade forçada e a falta de atividades de interesse parecem ser as razões do despertamento de impulsos eróticos. Assim, o narrador os registra:

Os mais baixos instintos, controlados na vida ordinária pelas fainas do dia a dia, ou adormecidos na calma solitária dos campos, tinham acordado aos poucos, como cobras, no peito de toda aquela gente aglomerada e ociosa, nos calores dos trópicos, e quando a escuridão da noite encorajava os circunspectos e tirava qualquer freio dos atrevidos, se entreviam e se escutavam certas coisas de fazer enrubescer os soldados encouraçados montados. Era por causa da forma - que fique bem entendido - uma vez que se tratava de pornografia em grande quantidade, porque, quanto ao conteúdo, era o mesmo que em muitos salões burgueses se distribui e se engole em pílulas douradas, sem que ninguém se escandalize (Amicis, 2017, posição 2958 de 5121).

Ao longo da viagem, as brigas e desavenças tornam-se constantes e o comportamento dos emigrantes deixa entrever as picuinhas associadas aos seus locais de nascimento, que, subitamente, passavam a ser os instrumentos de agressão verbal:

Era algo que dava uma profunda pena, tão longe da pátria, assistir em toda briga virem à tona as antipatias de família, escutar com que palavras diabolicamente engenhosas se ofendiam um ao outro no amor próprio da terra natal, desenterrando recriminações e rancores mortos havia tanto tempo entre nós, e infelizmente insuflando-os dentro de si, para levá-los fortalecidos para a América (De Amicis, 2017, posição 2774 de 5121).

Percebe-se claramente nessa passagem, a dificuldade dos emigrantes em perceber a Itália como um país unificado. O sentimento de pena que se apossa do narrador reflete a decepção, que é reforçada ao ouvir uma verdadeira babel de dialetos em detrimento do idioma italiano.

Muito embora o foco da narrativa seja o deslocamento transatlântico dos emigrantes que viajam na terceira classe, De Amicis registra também suas impressões sobre os passageiros da primeira e segunda classes, muitos deles viajantes, como De Amicis, e de outras nacionalidades. Nesse contato, ele ouve os relatos de um casal de brasileiros sobre o seu país:

Mais tarde, à noite, tivemos a grande surpresa de escutar a voz do casal de brasileiros, que, introduzido na conversa pelos argentinos, e estimulado, pouco a pouco, pelo sentimento patriótico, descreveu com uma eloquência admirável que nos encantou a todos, as belezas de seu país, desde a grande baía do Rio de Janeiro, coroada de montanhas coniformes, carregada de ilhotas cobertas de palmeiras e samambaias gigantescas, até as vastas florestas densas, semelhantes a espessas colunas de infinitas catedrais, povoadas de macacos e de onças, cortadas por bandos de papagaios verdes e rosas, sobrevoadas por nuvens de brotos, flores aladas e vaga-lumes piscantes. Como o tema continuou a dominar a conversa, todos os passageiros que haviam visitado o Brasil se puseram a contar e a descrever juntos o que viram, e então toda a flora e a fauna brasileira foram reviradas (De Amicis, 2017, posição 2472 de 5121).

Por muito tempo, o autor se recusou a escrever sobre os três dias em que esteve no Rio de Janeiro, durante uma escala, até que decidiu levar essa empreitada a cabo por meio de dois artigos que também compõem a edição brasileira de 2017.

No período em que *Em alto mar* foi escrito, havia um desconhecimento sobre os países para onde os emigrantes se dirigiam e as viagens marítimas eram sempre associadas ao risco de naufrágio, de morte a bordo e de ter o corpo jogado ao mar. O autor relata a morte de um velho que partira da Itália para

encontrar o filho mais moço, que não tem endereço fixo. Durante a viagem, ele morre de pneumonia e seu corpo é atirado ao mar, provocando grande comoção a bordo, como mostra a passagem a seguir:

O morto tinha sido envolvido em um lençol branco, costurado como um saco, que lhe cobria a cabeça, e depois fora deitado no seu colchão dobrado para cima dos dois lados, e amarrado com uma corda em volta: as travas saíam do embrulho. O conjunto tinha o aspecto lastimável de uma carga de mercadoria amontoada às pressas para desocupar espaço. O corpo parecia tão minguado e encurtado que eu poderia crer que fosse de um rapazinho. De um pedaço descosturado do lençol, no fundo, saíam os dedos nus de um pé. O nariz adunco e o queixo, salientes sob o tecido, me lembraram da expressão de atenção cuidadosa com que o infeliz havia procurado o endereço do filho, na primeira vez em que o vi no seu beliche. Talvez naquele momento o filho dormisse em algum casebre de madeira, perto da sua estrada de ferro, e sonhava com prazer que dentro de poucos dias teria revisto o seu pobre pai (De Amicis, 2017, posição 3378 de 5121).

Dentre os muitos registros de De Amicis, há o do nascimento de um bebê, “entre o céu e o mar, a meio caminho entre a pátria perdida e uma terra desconhecida” (De Amicis, 2017, posição 2724 de 5121). Esse comentário do autor/narrador enfatiza a inquietação dos emigrantes.

A embarcação, como Marc Augé (2012) nos faz lembrar, é um não lugar, espaço de trânsito onde os diversos atores/personagens se distribuem provisoriamente. Dividida em castelo central, a proa (destinada à segunda e à terceira classe), a popa (destinada à primeira classe), o salão para fumantes, a cabine de comando, a cozinha, a despensa, o escritório do comissário, a pracinha, a ponte, a enfermaria, a sala de jantar da primeira classe, os dormitórios e as cabines da primeira classe, a embarcação torna-se também, ao longo da viagem, um espaço de confinamento, favorecendo a eclosão de tensões e conflitos, bem como a angústia da crise de pertencimento.

Ao deixar para trás a terra natal, os emigrantes se veem desprovidos dos seus referenciais identitários. Essa falta de ancoragem favorece a animosidade entre os da terceira e os da primeira classe, como mostra a passagem a seguir:

Os emigrantes aglomerados na direção da popa olhavam para as portas do salão e os passageiros da primeira classe estavam com um olhar mais sombrio do que o normal, em que se lia que naquela manhã eles nos aprontariam algo pior do que simplesmente nos fazer mudar de lugar. Por que, afinal, éramos nós que lhes roubávamos tanto espaço do navio; mas nós, que éramos menos de cem, ocupávamos quase o mesmo espaço que eles, um povo, ocupavam; éramos nós que engolíamos todos aqueles pratos finos que eles viam passar pela pracinha duas vezes por dia, e dos quais recebiam a fumaça no nariz; e era para nós que corriam e se atarefavam todos aqueles camareiros de uniforme preto, enquanto eles eram obrigados a lavar as gamelas no tanque, e a esticar a mão na cozinha, como mendigos (De Amicis, 2017, posição 3537 de 5121).

À medida que o fim da viagem se aproximava, o Comissário fazia o cadastro daqueles que queriam aceitar a oferta do governo argentino, que pagava as despesas de desembarque e lhes oferecia alimentação e abrigo por cinco dias. Essa oferta era, entretanto, condicionada ao compromisso de algum parente residente na Argentina, garantindo ser responsável pela subsistência dos recém-chegados. Os idosos eram vetados sumariamente.

120

Nessa complexa etapa da viagem, De Amicis se reporta também aos discursos de agitadores que tentavam convencer os emigrantes a não aceitar a oferta do governo argentino:

[...] que tomassem cuidado com os argentinos, com os aliciadores da colônia italiana, com os Cônsules, com aqueles que se dizem protetores, porque estão todos de acordo, são todos uns espertalhões que se enriqueciam às custas da imigração. Que tomassem cuidado ao desembarcar, principalmente com as bagagens, pois eram roubadas impunemente; que ficassem de olho nas esposas e nas filhas, porque haviam acontecido casos abomináveis de violências praticadas pelos agentes do governo, à luz do dia, sob os olhos dos pais e das mães. E nada de alojamentos: eram barracos caindo aos pedaços, onde a água da chuva pingava nas camas; e não davam comida, ou colocavam na sopa umas porcarias para deixar as pessoas abobalhadas, sem saber mais fazer uma simples conta, e então vinham os tratantes para propor contratos. - Fiquem alerta! - gritava - bem alerta, ou serão assassinados pior do que na pátria! Ai de quem confia! (De Amicis, 2017, posição 4040 de 5121).

O discurso dos otimistas também é reproduzido, apontando para a possibilidade de enriquecimento e liberdade:

Em outros grupos, porém, pregavam os otimistas: um mundo novo, sem impostos, sem alistamento militar, sem tiranias: só em ser tocada com o arado a terra já germinava; a carne a cinquenta centavos por quilo, povoados de quatro mil almas onde não se via a carranca de um patrão. E mencionavam os casos de fortunas que tinham sido feitas quase rapidamente, os celeiros abarrotados, os lavradores que pagavam um professor particular para os filhos. - Viva a América! Vocês vão parar de se angustiar, diabos! (De Amicis, 2017, posição 4057 de 5121).

Em meio ao aglomerado de pessoas, o narrador vai tecendo suas observações:

Aquela iminência da chegada tinha finalmente despertado em quase todos a curiosidade de saber alguma coisa sobre as cidades e as províncias aonde iam se estabelecer, e muitos interrogavam ora um oficial ora outro, ou os passageiros mais instruídos da proa, mostrando as cartas amassadas dos parentes e dos amigos, gesticulando, e oferecendo-as para que as lessem. Também as reliam ao lado deles, com aquela consideração extraordinária que as pessoas analfabetas ou semianalfabetas têm em relação a qualquer tipo de documento escrito, no qual supõem sempre a possibilidade de interpretações variadas e delicadas (De Amicis, 2017, posição 4081 de 5121).

121

A tão ansiada chegada à América provoca sentimentos controvertidos nos emigrantes. Enquanto uns se entregam à alegria e à animação, outros se conscientizam da perda da terra natal:

Uma camponesa jovem, sentada perto da entrada do dormitório, com uma criança nos braços, chorava, e seu marido a chamava de fabioca, dando-lhe uma cotovelada no ombro. Perguntei à vizinha o que ela tinha. Uma revelação, respondeu. A visão da América, como se somente ao vê-la tivesse se convencido de ter abandonado definitivamente seu país lhe provocou um aperto no coração e ela começou a chorar (De Amicis, 2017, posição 4343 de 5121).

No desembarque, De Amicis reflete sobre a viagem de vinte e dois dias que lhe deu a sensação de ter vivido em um mundo à parte, facilitando e elucidando o seu julgamento sobre os homens e a vida.

Esta revisitação de *Em alto mar* traz à baila a invisibilização dos emigrantes pelo governo italiano. Não é sem propósito que o autor afirma, no capítulo intitulado “Na proa e na popa”, que “existe alguma coisa pior que explorar a miséria e desprezá-la: é negar que exista, enquanto ela grita e soluça à nossa porta” (De Amicis, 2017, posição 677 de 5121). No mesmo capítulo,

ele reflete sobre a situação do país naquele momento: “Nós mesmos fomos a causa das desilusões que existiram para todos, imaginando que a libertação e a unificação da Itália teriam produzido uma regeneração moral imediata e completa, e eliminado milagrosamente a miséria e o crime” (De Amicis, 2017, posição 811 de 5121).

Em sua tese de doutorado, Marcolini (2016) argumenta que o convívio com os emigrantes parece ter despertado um sentimento de culpa em De Amicis que, talvez, tenha sido responsável pela sua adesão ao socialismo em 1890. Indubitavelmente, *Em alto-mar* merece destaque pelo enfoque dado à obra, na medida em que os acontecimentos narrados se passam inteiramente dentro de um navio, desviando-se do padrão das narrativas de viagem, que estavam em voga à época em que o livro foi escrito. O natural seria que De Amicis escrevesse um livro sobre as suas impressões da Argentina, onde esteve por três meses depois da ida a Montevidéu. Entretanto, se o fizesse, teria também de escrever sobre a unificação nacional da Itália, o êxodo dos italianos e mesmo o papel dos intelectuais nesse estado de coisas, o que poderia ser perturbador para os seus leitores. A opção pelo romance se deu após quatro anos de revisão das anotações feitas durante a viagem e de diferentes experimentos com os gêneros narrativos. Nessa conjuntura, a simulação de um diário de bordo pareceu ser a melhor opção, visto que, assim, ele poderia se concentrar nos conflitos, sociais e psicológicos, que os emigrantes vivenciaram durante a travessia. Ao se colocar como narrador, o autor utiliza o pacto oximórico que fica a meio termo entre o pacto autobiográfico e o pacto ficcional.

Gabriella Romani (2012) nos chama a atenção para o fato de que o propósito primeiro de De Amicis parece ser a problematização do conceito de pátria e de identidade nacional, pois é a bordo de um navio, atravessando o oceano, que o autor se dá conta de que a pátria nem sempre coincide com a nação. É na experiência transnacional dos emigrantes que ele vislumbra um povo deslocado da nação, mas ainda unido a ela por um laço de pertencimento. Há uma passagem no livro que deixa essa perspectiva mais

evidente, quando ele mentalmente elabora um discurso – que, obviamente, nunca proferiu – rogando aos cidadãos dos países que recebiam os emigrantes que fossem complacentes com eles: “Deixem que amem e se orgulhem da pátria mesmo de longe, porque se fossem capazes de renegar a própria, não seriam capazes de amar a vossa” (De Amicis, 2017, posição 4125 de 5121).

Nesses 150 anos da imigração italiana no Brasil, parece-nos oportuno revisitar o romance de De Amicis não apenas por ser o primeiro a abordar a emigração italiana, mas principalmente por trazer à baila as razões para a diáspora italiana pós-unificação, que, por tanto tempo, foi alvo de um apagamento histórico.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

DE AMICIS, Edmondo. *Em alto mar: Uma travessia de emigrantes italianos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2017.

GIGLI, Lorenzo. *De Amicis*. Turim: UTET, 1962.

LOMBARDI, Andrea. L'emigrazione come ferita aperta. *Sagarana*. n.20 disponível em: <https://www.sagarana.net/rivista/numero20/ibridazioni1.html>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MARCOLINI, Adriana. *Sull'Oceano: Uma travessia de emigrantes italianos* 2016. 219f. Tese de (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo. 2016.

MONTANELLI, Indro. *L'Italia del Risorgimento*. Milano: Rizzoli, 1972.

ROMANI, Gabriella. Edmondo De Amicis na América do Sul: pátria e identidade italiana fora dos limites nacionais. *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 38, 2012, pp. S63-S75. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/12452>. Acesso em: 24 nov. 2024.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.